

MÚSICA E GEOGRAFIA: POSSIBILIDADES DE INTEGRAÇÃO CURRICULAR NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Italan Carneiro ¹

RESUMO

Este texto aborda possibilidades de integração curricular entre a área da Música e a disciplina Geografia presente no contexto da Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Instrumento Musical desenvolvida de forma Integrada ao Ensino Médio. Elaborado a partir de pesquisa documental e bibliográfica, o trabalho levanta discussões que comprovam a significativa aproximação entre as áreas, culminando em possibilidades de trabalho nas salas de aula dos docentes de ambas. Ressaltamos ainda que muitas das intersecções identificadas encontram-se presentes nas discussões de subáreas como a Etnomusicologia e a Geografia Cultural, voltadas às relações entre música, cultura e sociedade. Concluímos que a integração entre as áreas da Música e Geografia cria um contexto propício para a reflexão acerca do impacto social das práticas musicais, bem como dos fatores culturais, políticos, econômicos, etc., que de forma direta ou indireta influenciam as vivências musicais dos sujeitos.

Palavras-chave: Música. Geografia. Currículo Integrado. Educação Musical. Geografia Cultural.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta recorte da pesquisa de doutorado intitulada “Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Instrumento Musical do IFPB: reflexões a partir dos perfis discente e institucional”² que definiu como um dos seus objetivos específicos a reflexão acerca das possibilidades de integração entre os conteúdos relacionados à área da Música e os conhecimentos associados às diversas disciplinas do Currículo Técnico em Instrumento Musical desenvolvido de forma Integrada ao Ensino Médio.

A partir de pesquisa documental e bibliográfica, abordamos possibilidades de aproximação entre conhecimentos musicais e conteúdos da disciplina Geografia. Destacamos que a aproximação entre os conteúdos associados às diversas áreas do conhecimento configura estratégia que contribui efetivamente para que os sujeitos compreendam as

¹ Doutor em Música (Educação Musical) pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professor da Coordenação de Instrumento Musical e do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal da Paraíba – IFPB. E-mail: italan Carneiro@gmail.com.

² Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Música, subárea Educação Musical, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, sob a orientação do prof. Dr. Luis Ricardo Silva Queiroz. Disponível em: <https://www.academia.edu/35060454/Curso_T%C3%A9cnico_Integrado_ao_Ensino_M%C3%A9dio_e_m_Instrumento_Musical_do_IFPB_reflex%C3%B5es_a_partir_dos_perfis_discente_e_institucional>. Acesso em 14/09/2019.

interconexões estabelecidas em seu contexto histórico, social, cultural, e político, ampliando assim sua “compreensão de mundo”.

Música e Geografia

No período ditatorial brasileiro, pós-1964, as Ciências Humanas foram consideradas “suspeitas”, tendo algumas disciplinas sido banidas do ensino de 1º grau. As disciplinas de Geografia e História, por exemplo, foram dissolvidas nos “Estudos Sociais”. Naquele contexto destacou-se a presença de disciplinas como “Educação Moral e Cívica”, formatada de acordo com as concepções e interesses dos militares. No Ensino Médio, por sua vez, “História e Geografia sobreviveram, ao lado da ‘Organização Social e Política do Brasil’, espécie de Geopolítica aplicada a noções básicas de Sociologia, Política e Direito” (BRASIL, 2000, p. 7).

No entanto, no contexto dos anos de 1970, em países como a França, no entanto, a Geografia, assim como outros campos do conhecimento, passa por transformações significativas em suas bases epistemológicas e metodológicas, de modo que, conforme Claval (2011, p. 7), naquele momento, “o quadro dominante da reflexão epistemológica deixou de ser positivista ou neo-positivista. A subjetividade humana não apareceu mais como um domínio fora do campo da pesquisa nas ciências sociais”. Acerca das transformações ocorridas a partir daquele contexto, Castro (2009, p. 7) sinaliza que “além de permitir a inclusão de novos objetos de estudo ao ‘repertório’ da geografia cultural, permite novas acepções e abordagens a objetos que já eram de interesse da disciplina anteriormente”. Dentre os novos objetos incorporados pela Geografia mencionados pelo autor, podemos destacar as “práticas artísticas”, sobretudo as musicais. Defendendo essa a integração entre Geografia e Música, Silva (2015, p. 74) argumenta que “a música foi feita por pessoas para pessoas e muito pode ser significada no ensino de Geografia, pois compreende em si uma linguagem própria que carrega os simbolismos de um tempo e de um espaço”. Confirmando o panorama histórico que aponta a inclusão da música como objeto de interesse da Geografia, Panitz (2012) assegura que:

O fenômeno musical, reconhecido pela sua importância não só como prática artística, mas sobretudo cultural e social, chamou atenção de geógrafos há cerca de cem anos. Contudo apenas recentemente, nas últimas quatro décadas, tal fenômeno tornou-se um interesse central para alguns geógrafos, o qual contribuiu significativamente para o desenvolvimento de uma geografia cultural e social. Atentos à multiplicidade de fatores que o fenômeno musical engendra, os geógrafos manifestaram interesse especial no estudo da difusão de formas musicais, das representações do espaço, do

imaginário geográfico e das práticas e transformações espaciais nos quais foi reflexo ou agente. (PANITZ, 2012, p. 27)

Ainda segundo Panitz (2012, p. 3), “as primeiras considerações que ligam a Geografia moderna à expressão musical podem ser atribuídas à Friedrich Ratzel e seu discípulo Leo Frobenius, etnólogo e arqueólogo africanista”. Nesse sentido, o autor assinala que:

Atento aos indícios materiais da cultura, Ratzel observou similaridades entre os arcos da África Ocidental e da Melanésia, suas características morfológicas, bem como as formas das flechas usadas junto com o arco. Frobenius levou a pesquisa adiante e relacionou similaridades entre os tambores e outros instrumentos musicais, que o levou a desenvolver a noção de Círculos Culturais (Kulturkreis) junto aos etnologistas austríacos Fritz Graebner e Wilhelm Schmidt, inspirados em Ratzel. (PANITZ, 2012, p. 3)

Partindo do estudo da distribuição espacial de instrumentos musicais, conforme Panitz (2012, p. 3), “Frobenius estabeleceu regionalizações na África que remetem aos ciclos de difusão de etnias, propondo, por exemplo, a seguinte divisão: Negra, Melanésio-Negra, Indo-Negra e Semítico-Negra”. Corroborando com esta perspectiva que considera os instrumentos musicais como significativos indícios materiais da cultura, Gonçalves (2013, p. 13) entende como fundamental a compreensão do percurso sócio-histórico que estes percorreram (e percorrem), defendendo como necessária a realização de estudos que compreendam se os instrumentos musicais de determinada região “foram introduzidos, se são originários de certas populações nativas de um determinado território, se são miscigenados etc. Ou seja, como e onde se originaram e foram recebidos ou modificados pelos povos locais ou exóticos e como, a partir daí, se regionalizaram”. Nesse sentido, o autor entende que os processos de produção, difusão ou (re)apropriação de instrumentos configura “um processo dos mais fecundos, passível de ser confortavelmente estudado por diferentes vieses teóricos na geografia” (GONÇALVES, 2013, p. 13). Ilustrando esta percepção, destacamos a seguinte reflexão de Panitz (2012):

A simples introdução, por exemplo, de certo tipo de chocalho em uma banda de jazz norte-americana, pode dar informações importantes sobre a origem étnica e geográfica de determinados grupos, mas também de instrumentos e formas musicais que vão se transformando e se adaptando a cada sociedade em que são inseridos. (PANITZ, 2012, p. 4)

Caracterizando a significativa aproximação ocorrida nos últimos tempos entre a Geografia e as práticas musicais, Furlanetto (2014, p. 10) indica que “os geógrafos investigam os sons, os ruídos e a música em sua dimensão espacial há quase um século, mas apenas no

final do século XX percebe-se o crescimento das produções acadêmicas nesta área”. Após realizar extenso levantamento bibliográfico dos principais trabalhos desenvolvidos envolvendo a intersecção entre as áreas da Música e da Geografia, Panitz (2012) sinaliza que:

A quantidade de materiais disponíveis em formato digital atualmente permite um bom reconhecimento deste campo de estudo em geografia, e indica Estados Unidos, Inglaterra e França como centros de discussão avançada. No âmbito ibero-americano verifica-se sua pouca difusão, com exceção do Brasil, onde se encontra um considerável número de teses e dissertações produzidas nos últimos vinte anos, além de artigos e traduções de artigos seminais na temática. (PANITZ, 2012, p. 2-3)

Ressaltando a tendência de uma maior abertura da Geografia à objetos que foram historicamente caracterizados como “pertencentes à outras áreas”, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 33) apontam que “ao pretender o estudo das paisagens, territórios, lugares e regiões, a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação”. Nesse sentido, conforme o documento,

Mesmo na escola, a relação da Geografia com a Literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura desse espaço. É possível aprender Geografia desde os primeiros ciclos do ensino fundamental, mediante a leitura de autores brasileiros consagrados (Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros), cujas obras retratam diferentes paisagens do Brasil, em seus aspectos sociais, culturais e naturais. **Também as produções musicais**, a fotografia e até mesmo o cinema são fontes que podem ser utilizadas por professores e alunos para obter informações, comparar, perguntar e inspirar-se para interpretar as paisagens e **construir conhecimentos sobre o espaço geográfico**. (BRASIL, 1998, p. 33, grifos nossos)

Portanto, para que conceitos essenciais ao desenvolvimento da disciplina tais como natureza, paisagem, espaço, território, região, rede, lugar e ambiente, adquiram dimensões de análise que contemplem aspectos como cultura, sociedade, relações sociais e econômicas, concordamos que se torna necessário “o trabalho com diferentes fontes documentais, imagens, música, estudos do meio, leitura de textos mais complexos e reflexivos, dramatizações, pesquisa etc., podem ser mais profundamente utilizados pelo professor” (BRASIL, 1998, p. 96). Fazendo uso destes recursos didáticos, o professor adquire condições de “criar intervenções significativas que despertem, e ao mesmo tempo consolidem, os conhecimentos geográficos do aluno, como uma forma de saber particular, mas ao mesmo tempo articulado com outras áreas” (BRASIL, 1998, p. 96).

Apresentando algumas das características que demonstram uma profunda aproximação entre as áreas da Música e da Geografia, Panitz (2010) reflete acerca das tradicionais “rotulações musicais” que se apoiam essencialmente em conceitos diretamente vinculados à territorialidade:

É importante assinalar, portanto, que a música não raro já possui conotações territoriais (e geográficas em geral) em sua descrição: música popular brasileira, música sertaneja, música andina, música dos balcões, hip hop west coast ou east coast, canção catalã, samba fundo de quintal, rock britânico. Por outras vezes fala-se em cenas musicais: acontecendo em alguns lugares e num intervalo de tempo determinado, também possuem um componente espacial explícito e ainda um componente temporal quase sempre implícito, mas plenamente reconhecível: cena grunge de Seattle (anos 90), tropicalismo (anos 60 e 70), mangubeat (anos 90), vanguarda paulistana (anos 80) entre outros. Tanto as primeiras quanto as segundas se remetem a distintos territórios, com distintas dinâmicas sociais e culturais, que também são (podem ser) situadas no tempo. (PANITZ, 2010, p. 94)

Quando partimos do entendimento que a Geografia configura-se como uma ciência que se debruça sobre as dinâmicas dos fenômenos que, desenvolvendo-se por meio das relações entre a sociedade e a natureza, constituem o espaço geográfico, podemos afirmar, conforme as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, que “seu objetivo é compreender a dinâmica social e espacial, que produz, reproduz e transforma o espaço geográfico nas diversas escalas (local, regional, nacional e mundial)” (BRASIL, 2006, p. 43). Para tanto, estas dinâmicas, incluindo suas relações e processos, necessitam ser consideradas a partir da dimensão histórica do espaço, sendo entendidas essencialmente como construções sociais.

Ressaltando o vínculo entre a Música e a Geografia, destacamos o conceito de “paisagem sonora” que, no contexto urbano, demonstra a interação entre sociedade e natureza, acima mencionada, e exemplifica claramente a transformação do espaço geográfico promovido socialmente pela construção de cultura humana. Ilustrando esta perspectiva, Torres (2010) afirma que:

Caminhar por uma cidade implica, diretamente, caminhar em meio a um universo de sons: veículos automotores, os passos e as conversas das pessoas, propagandas comerciais, aparelhos eletro-eletrônicos, manifestações religiosas, construção civil, entre outros. Em meio a essa infinidade de sons, o homem segue compondo o cenário sonoro. Os sons que ocorrem em um determinado lugar, o que inclui também a música, compõem a paisagem sonora, que, por sua vez, integra a paisagem e reflete a sua cultura. (TORRES, 2010, p. 47)

Nessa perspectiva, os sons produzidos em determinado espaço caracterizam-se concretamente como parte da sua paisagem, construindo especificamente o aspecto sonoro da

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

paisagem, portanto, sua paisagem sonora. Esta paisagem, além dos sons essencialmente naturais (como pássaros, vento, etc.), contém sons produzidos pelo homem que são portadores de valores culturais, como, por exemplo, o toque do sino de uma igreja, os sotaques linguísticos, a música (executada ao vivo ou nas diversas possibilidades eletrônicas). Refletindo especificamente sobre a presença da música na paisagem de um local, Torres (2010, p. 47) assinala que “a música, enquanto elemento que integra a paisagem sonora, pode retratar o lugar onde foi produzida, pelas sonoridades peculiares dos instrumentos musicais, ou ainda pelas falas e sotaques nela empregada, diretamente relacionadas à cultura e à história do seu povo”. Desse modo, podemos afirmar que a paisagem sonora urbana é cultural, visto que reflete parte da identidade dos habitantes de um lugar. Refletindo sobre a complexa relação existente entre o homem e seu entorno sonoro, entendemos que esta relação caracteriza-se como uma via de mão dupla onde o agente que produz sons também é determinantemente influenciado pelos sons que o circundam, retroalimentando o fluxo que alimenta a paisagem sonora. Nessa perspectiva, entendemos que a música, enquanto elemento cultural constituinte do entorno sonoro humano, transforma e é transformada pela paisagem sonora na qual se encontra inserida. Caracterizando a influência da paisagem sonora na vida daqueles que a compõem, destacamos a reflexão de Torres (2010):

As paisagens sonoras concedem identidades aos lugares, e agem direta e constantemente em seus moradores na contribuição à perpetuação das falas e sotaques, dos gostos musicais, e na evocação de paisagens do passado, o que reforça valores existentes em cada indivíduo, que pode contribuir para sua fixação em lugares distintos, e à criação do sentimento de pertencimento a eles, pelo fato de apresentarem sonoridades que concedem familiaridade na paisagem. (TORRES, 2010, p. 51)

Portanto, compreendemos que o estudo da Música necessariamente precisa levar em consideração o lugar – entendido como “a manifestação das identidades dos grupos sociais e das pessoas” (BRASIL, 2006, p. 53) – no qual ela é produzida e/ou tem sua performance realizada. Sobre a importância dessa determinação ou influência geográfica exercida pelo lugar, nos remetemos a Torres (2010, p. 54) quando este afirma que “pensar o lugar remete a pensar em sua localização e em sua(s) história(s), assim como nas paisagens que este comporta. O lugar comporta objetos e valores através dos símbolos, signos e significados. É no lugar que as relações sociais ocorrem, e através delas os valores são compartilhados”. Nesse sentido, conforme Furlanetto (2014, p. 13), “os sons marcam diferentes tempos e lugares: vozes, sotaques, ruídos e músicas de determinados lugares fazem parte das sensações ali experimentadas, das percepções ali adquiridas. Mediante a música e a linguagem a

comunicação se estabelece, os valores culturais são construídos e repassados. Portanto, a paisagem sonora é cultural”.

Refletindo acerca do desenvolvimento e da expansão da “Geografia da Música” nas últimas décadas, Panitz (2012), apoiado em Nash e Carney (1996), apresenta sete temas que adquiriram relevância dentro da área:

a) Origens: desenvolvido por etnomusicólogos e folcloristas, focados na distribuição de instrumentos musicais e regiões musicais; **b) Distribuições e tipos mundiais:** [...] elaboração de mapas e análises de atividades musicais; **c) Análises Locacionais:** localização das atividades musicais, como composições, viagens de seus compositores, notadamente abordagens em escala mais restrita, diferentemente da anterior, baseada em generalizações mundiais; **d) Zonas de origem das atividades musicais:** aborda áreas de origem de ritmos ou cenas musicais e sua difusão, bem como o papel das músicas de caráter nacionalista na construção das identidades nacionais. **e) Tendências baseadas na eletricidade:** os autores falam da importância da eletricidade – pode ser equivalente à “eletrificação” no caso de instrumentos musicais; **f) Impacto nas paisagens** – analisa (não só nas paisagens, como se deduz pelo título) o impacto da música no espaço através de fatores econômicos, turismo, acessibilidade e transporte, fatores políticos, formas culturais e implicações sociológicas; **g) Musical Global** – esse tema se foca desde guias de músicas do mundo, até as temáticas que ligam a música com aspectos da existência humana e sua relação com o mundo e com a natureza, notadamente abordando a música erudita. (PANITZ, 2012, p. 5-6, grifos nossos)

Outra possibilidade de classificação dos temas que se tornaram relevantes na intersecção entre Geografia e Música é apresentada por Panitz (2012), a partir de Carney (1990), em cinco divisões:

1) Percepção: imagens de lugares, senso de lugar, percepção de lugar e consciência de lugar; **2) Núcleos culturais e difusão cultural:** agentes de difusão, processos, caminhos/trilhas e barreiras; **3) Região cultural:** formal e funcional, nós e centros; **4) Interações espaciais:** migração, conectividade, rotas e redes de comunicação; **5) Relações homem-ambiente:** ecologia cultural. (PANITZ, 2012, p. 6, grifos nossos)

Discutindo especificamente sobre a produção brasileira da área de Geografia que aborda questões musicais, Souza (2013) realizou levantamento dos trabalhos de pós-graduação stricto sensu desenvolvidos no país no período de 1991 até 2012 e localizou 14 dissertações de Mestrado e 3 teses de Doutorado. Acerca das abordagens que caracterizaram os estudos brasileiros localizados, Panitz (2012) traça o seguinte panorama:

A geografia brasileira, à exceção do importante trabalho de Castro, valorizou em suas pesquisas sobretudo a música popular, diferente da geografia norte-americana e europeia que manifestou interesse também na música erudita.

Tal fato pode ter relação com, pelo menos, dois motivos, por certo relacionados. O primeiro é a tradição crítica brasileira, atentando para uma disciplina preocupada com as questões sociais e culturais, tendo por base as representações sociais populares. O segundo pode estar relacionado com a pouca penetração da música erudita no panorama cultural da sociedade brasileira e, relacionando com o primeiro motivo, que a música erudita sempre representou uma expressão das classes econômicas mais abastadas, não figurando com preponderância como um objeto crítico de interesse geográfico. (PANITZ, 2012, p. 25)

Mesmo não tendo abarcado ainda todo o espectro da produção musical brasileira, restringindo-se ainda basicamente à música popular, conforme destacou Panitz (2012), o autor indica que “a diversidade de interesses apresentada pela geografia brasileira, e a indiscutível riqueza musical do país, fazem deste campo de estudo um lugar fecundo para explorar o espaço geográfico em suas mais diversas abordagens e já tem oferecido, sem dúvidas, novos olhares para as relações entre espaço e cultura”. (PANITZ, 2010, p. 73).

Apresentando parte da produção brasileira que se caracteriza como riquíssimo material para ser abordado em sala de aula pelos professores de Geografia e de Música, destacamos o trabalho de Campos (2006) que traça um panorama dos climas da região Nordeste do país, com destaque para o clima tropical semi-árido do interior da região. Em seu artigo, Campos explica as características deste clima e algumas das manifestações musicais ligadas a ele. O autor destaca ainda algumas letras da Música Popular Brasileira (MPB) que podem contribuir em análises geográficas da área para os ensinos Fundamental e Médio. Por fim, aborda alguns aspectos da região baiana denominada “Raso da Catarina”, na qual o clima se aproxima do árido (CAMPOS, 2006).

Outra produção que propõe a integração entre Geografia e Música trata-se do trabalho de Cardoso (2009) que realizou a análise das canções do compositor Itamar Assumpção buscando suas inter-relações com a Geografia, especialmente com a geografia que trata do espaço urbano da cidade de São Paulo. Conforme Cardoso (2009, p. 34), “de forma poética e carregada de simbolismos a poesia de Itamar Assumpção abarca questões trabalhadas pela Geografia em suas distintas correntes e temáticas”. O autor ressalta que “a cidade de São Paulo é recorrente na obra de Itamar Assumpção. A musicalidade e a poesia refletem uma leitura e uma interpretação do urbano, na geografia da cidade e no cotidiano das pessoas” (CARDOSO, 2009, p. 36). Corroborando com a compreensão das práticas musicais como construções que refletem diversos aspectos da natureza humana, destacamos o argumento de Panitz (2010, p. 76-77) ao indicar que “por fenômeno musical entende-se um conjunto e uma

interação de relações criativas, interpessoais, sociais, culturais, econômicas, espaciais e históricas que se expressam no fazer musical”.

Outra interessante proposta de abordagem para os conteúdos geográficos a partir da música pode ser identificada no trabalho de Pereira (2013, p. 20) que visou “apresentar caminhos geográficos de reflexão acadêmica a partir das letras das canções” do compositor Chico Buarque. A autora indica que “são muitos os malandros de Chico que revelam as geografias de mundo pelas questões sociais, culturais e políticas do Brasil, a partir dos sentidos e existências espaciais, temporais e sentimentais” (PEREIRA, 2013, p. 63).

Encontramos em Ribeiro (2016) reflexões acerca dos conceitos região e fronteira a partir música regional local do Rio Grande do Sul. Conforme o autor, “é no ambiente de fronteira que boa parte da música popular de cunho regional do Rio Grande do Sul acontece, principalmente pela mescla de influências músico-culturais desde os primeiros exploradores a chegarem ao estado” (RIBEIRO, 2016, p. 9). Após apresentar os desdobramentos históricos do processo de desenvolvimento e “aclimatação” da música sul-rio-grandense, o autor reflete sobre os conceitos geográficos envolvidos no processo e define o conceito de região como “algo móvel e impreciso, que se move em função da vida das comunidades, que ao invés de marcar limites, estabelece conexões e vinculações” (RIBEIRO, 2016, p. 8). Explicitando a influência da música local na definição desses conceitos de região e fronteira, entendendo-a como um dos elementos que promove identificações e aproximações entre povos “separados por fronteiras” mas que convivem na “mesma região”, o autor assinala que:

[...] a música popular regional do estado dialoga fortemente com elementos culturais compartilhados, sendo que essa comunicação ocorre muitas vezes pelas relações de fronteira. Neste sentido, a compreensão de região parte da ideia de algo que ultrapassa os limites do próprio território sul-rio-grandense, portanto, onde se configura a chamada região transnacional que envolve além do Rio Grande do Sul, países como o Uruguai e a Argentina. (RIBEIRO, 2016, p. 9)

O autor conclui que a diversidade da música sul-rio-grandense encontra-se diretamente relacionada com a pluralidade dos ambientes culturais que configuram o Rio Grande do Sul e ressalta que para uma compreensão aprofundada dos processos que envolvem a música popular regional no estado, desde a sua adaptação e construção identitária, “faz-se necessário compreender em maior escala, sobre as transformações ocorridas em todo este cenário, estas envolvem dentre muitos aspectos, demandas referentes há questões políticas, sociais e culturais” (RIBEIRO, 2016, p. 15). Nesse sentido, destacamos a reflexão de Panitz (2010, p. 78) quando este indica que “as distintas determinações – sociais, culturais, políticas,

econômicas e pessoais – se revelam no fenômeno musical, criam representações sociais e espaciais, agem no e sobre o espaço e (re)produzem a música de forma particular”. Ainda nessa perspectiva o autor argumenta que:

Essas representações, formas de ação e (re)produção estão estreitamente ligadas ao interesse da geografia cultural e social contemporânea, uma vez que visualiza-se claramente no fenômeno musical aspectos relativos ao território e à territorialidade, à identidade cultural e territorial, às iniciativas e políticas culturais, aos imaginários regionais, aos fluxos de produtos/pessoas/ideias, e as consequências do período técnico-científico informacional nas atividades humanas, sobretudo nas criativas. (PANITZ, 2010, p. 78-79)

Caracterizando outra produção da área da Geografia acerca do cenário músico-cultural brasileiro, destacamos o trabalho de Machado (2013) que teve como objetivo compreender as representações da favela elaboradas pelos sambistas cariocas, entendidos como “porta-voz do morro”. O autor realiza a análise de letras de samba urbano carioca compostas dos anos 1920 até o momento da pesquisa, tomando por base estudos em Literatura Comparada que contemplem as relações estabelecidas entre o Espaço e a Música. Caracterizando estas relações, Machado (2013, p. 22) indica que “a compreensão das relações que podem existir entre Geografia, Literatura Comparada e Música revela-se essencial para analisar a favela cantada como um lugar vivido, simbolizado, dessimbolizado e ressimbolizado pelos sambistas”. Conforme a autora,

Essa aproximação entre Música e Espaço pode, pois, ser explicada do ponto de vista da Nova Geografia Cultural por possibilitar a análise do Espaço por meio da paisagem cultural dos lugares, perceptível tanto na Arquitetura, mas também em produções simbólicas como a Literatura, as Artes Plásticas, o Cinema, a Música, entre outros. É nesse sentido que lugares como a favela podem, então, ser analisados no entrecruzamento com a canção popular brasileira, à luz de letras de samba urbano carioca. (MACHADO, 2013, p. 58-59)

Outra produção que reflete acerca do contexto social brasileiro, especificamente sobre a questão do “êxodo rural brasileiro”, ocorrido no início da segunda metade do século XX, trata-se da pesquisa de Faustino (2007) que analisa as letras das músicas sertanejas (caipiras) da época. O autor aponta o objetivo de compreender as transformações que ocorriam nas estruturas sociais e nos valores tradicionais da população rural e define o repertório que abordou como “músicas que eram compostas, interpretadas e, sobretudo, ouvidas pelas pessoas que vivenciavam este êxodo rural e que também as cantavam concreta ou simbolicamente” (FAUSTINO, 2007, p. 84). Conforme Faustino (2007, p. 85), o estudo da

música caipira tradicional possibilita em grande parte a compreensão das “mudanças que ocorreram no estrato social ao qual ela se referia e que constituía o público ouvinte”. O autor destaca que, “conforme se pôde constatar, as músicas analisadas apresentam um cenário que corresponde à realidade da época e, em especial, às transformações sociais consequentes do processo do êxodo rural brasileiro” (FAUSTINO, 2007, p. 97). Corroborando com esta perspectiva, Panitz (2012, p. 27) argumenta que “no nível coletivo ela [a música] relaciona-se com memórias e histórias de vida compartilhadas, lugares de encontro, narrativas do espaço-tempo, períodos históricos específicos, e até mesmo com a estética sonora de cada geração, que por certo possui conteúdos geográficos específicos”.

Outra rica proposta de integração entre Geografia e Música pode ser encontrada na pesquisa de Taoni e Cunha (2013), através de trabalho que se debruçou na interpretação da obra “Sinfonia da Alvorada” de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, composta em 1961, no contexto desenvolvimentista da construção de Brasília. Segundo os autores, a sinfonia “está para uma possibilidade profícua de análise geográfica, ao passo que é um excelente exemplo de demonstrar sonoramente as transformações de uma paisagem transformada por investidas antrópicas no cerrado e, narrar com a oratória proeminente de Vinícius, mudanças abissais” (TAONI; CUNHA, 2013, p. 210). Ainda nesse sentido, os autores refletem que:

[...] a música nos possibilita pensar com profundidade sobre a sociedade a que pertence: aos espaços onde ela foi produzida e difundida, possibilita-nos compreender o contexto social e histórico em que ela foi composta, reproduzida e consumida. É o que pretende-se fazer ao pensar sobre a construção de Brasília no período desenvolvimentista e a obra musical de Tom Jobim e Vinícius de Moraes que, sob nosso ponto de vista, acompanhou todo esse movimento. (TAONI; CUNHA, 2013, p. 219)

Por fim, confirmando a crescente aproximação entre as áreas da Geografia e da Música, destacamos a coletânea intitulada “Geografia e Música: diálogos”, organizada por Dozena (2016) e publicada pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN). O livro conta com treze artigos abordando as diversas interfaces entre as áreas e apresenta-se como profícuo material para os docentes de ambas as áreas.

Concluindo este subitem, destacamos os “questionamentos reflexivos” de Castro (2009) que atentam para a necessidade de traçarmos pontes entre as áreas a partir de um elemento fundamental – visto que compreende a matéria prima básica de toda e qualquer produção musical – porém ainda pouco explorado na intersecção Música-Geografia: o som. Conforme Castro (2009),

Sobre geografia e música, ainda há muitos caminhos a serem explorados e muitas questões a serem levantadas. Por exemplo, sobre as possibilidades de se abordar a música, não a partir das letras de canções, do mapeamento de áreas musicais, da indústria fonográfica, etc., mas sim do elemento fundamental da qual a música se compõe: o som. Seria possível uma abordagem que busque interpretar a geograficidade da música através da sua estrutura melódica, harmônica ou rítmica, por exemplo? Que conceitos seriam mais adequados para se lidar com uma linguagem sonora? Quais os limites que esta linguagem impõe ao intérprete? Qual metodologia seria mais apropriada? Estas, entre outras, são perguntas ainda carentes, não de respostas prontas, pois diversas respostas, muitas vezes conflitantes, surgem no interior de um debate científico, mas principalmente de atenção por parte dos geógrafos. (CASTRO, 2009, p. 18)

Considerações Finais

A partir das discussões levantadas nesse texto, entendemos que as áreas, e conseqüentemente as disciplinas, da Geografia e da Música partilham de muitas questões que podem ser analisadas e trabalhadas nas salas de aula dos docentes de ambas as áreas. É importante ressaltar ainda que muitas das questões acima abordadas por autores da Geografia também encontram-se recorrentemente presentes nas discussões da área da Música, especialmente em subáreas como a Etnomusicologia que dão atenção especial às relações entre música, cultura e sociedade, caracterizando-se portanto como uma significativa fonte de pesquisa para os docentes ligados à disciplina Geografia.

A partir das aproximações realizadas, esperamos contribuir para que a disciplina Geografia presente no Currículo de ensino Médio – especialmente quando ministrada no contexto da Educação Técnica Integrada em Instrumento Musical – proporcione uma ampliação significativa da percepção de mundo dos estudantes, situando sua produção musical como estritamente conectada ao seu contexto social. Desse modo, cria-se um contexto propício para a elaboração de reflexões acerca do impacto social das suas práticas musicais bem como dos fatores sociais, culturais econômicos, etc., que de forma direta ou indireta influenciam (ou determinam) suas vivências musicais.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso em: 19/10/2018.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio): Parte IV - Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em: 01/03/2019.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio: volume 3 (Ciências Humanas e suas Tecnologias)**. Brasília: SEB, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf>. Acesso em: 16/07/2019.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. A geografia da semi-aridez nordestina e a MPB. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia/MG, v. 18, n. 35, p. 169-209, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9256/5700>>. Acesso em: 17/01/2019.

CARDOSO, Eduardo Schiavone. A metrópole na linha do baixo: Itamar Assumpção e a geografia da cidade de São Paulo. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro/RJ, v. 25, p. 31-40, jan./jul. 2009. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3561/2481>>. Acesso em: 27/11/2016.

CASTRO, Daniel de. Geografia e Música: a dupla face de uma relação. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro/RJ, v. 26, p. 7-18, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3551/2471>>. Acesso em: 27/05/2019.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. Geografia cultural: um balanço. **Revista Geografia**, Londrina/PR, v. 20, n. 3, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160/11911>>. Acesso em: 19/08/2019.

DOZENA, Alessandro (org.). **Geografia e Música: diálogos**. Natal/RN: EDUFRN, 2016. 399p. Disponível em: <[http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/21381/1/Geografia%20e%20M%C3%BAsica%20\(livro%20digital\).pdf](http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/21381/1/Geografia%20e%20M%C3%BAsica%20(livro%20digital).pdf)>. Acesso em: 07/09/2019.

FAUSTINO, Jean Carlo. O êxodo cantado: a música tradicional paulista como fonte para uma história oral. **Oralidades**, São Paulo/SP, v. 2, p. 83-99, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/oralidades/article/download/106823/105470>>. Acesso em: 22/08/2019.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Paisagem sonora do Boi-de-Mamão paranaense. In: PROSSER, Elisabeth Seraphim (org.). **Música e Músicos no Paraná: sociedade, estéticas e memória**. Curitiba: ArtEmbap; 2014. v. 1. p. 7-22. Disponível em: <http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Publicacoes/musica_e_musicos_no_parana.pdf>. Acesso em: 10/09/2019.

GONÇALVES, Jean Pires de Azevedo. Música e Geografia: reflexão sobre a temática musical nos estudos geográficos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo/SP, v. 93, p. 9-30, 2013. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/328/311>>. Acesso em: 23/06/2019.

MACHADO, Cristiane Marques. **A fábula do lugar no Samba**. 2013. 230f. Tese (Doutorado em Literatura), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.gtestudosdepaisagem.uff.br/wpcontent/uploads/2012/09/tese-cristiane-marques.pdf>>. Acesso em: 12/08/2019.

OLIVEIRA, Geane Queiroga de. **A Música como recurso didático e metodológico: uma abordagem do espaço**. 2015. 54f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Licenciatura em Geografia, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras/PB, 2015. Disponível em: <<http://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/GEANE%20QUEIROGA%20DE%20OLIVEIRA.pdf>>. Acesso em: 12/08/2019.

PANITZ, Lucas Manassi. **Por uma Geografia da Música**: o espaço geográfico da música popular platina. 2010. 201f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27035/000762181.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12/08/2019.

_____. Por uma geografia da música: um panorama mundial e vinte anos de pesquisas no Brasil. **Para Onde!?**, Porto Alegre/RS v. 6, n. 2, p. 1-10, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/36474/23889>>. Acesso em: 13/08/2019.

_____. Geografia e Música: uma introdução ao tema. **Biblio 3W: Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 17, n. 978, mai. 2012. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-978.htm>>. Acesso em: 15/08/2019.

PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch. **Geografias de mundo reveladas nas canções de Chico Buarque**. 2013b. 155f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-19112013-100451/en.php>>. Acesso em: 07/09/2019.

RIBEIRO, Ghadyego Carraro. Sobre os conceitos de região e fronteira: contribuições para a compreensão de aspectos históricos na música sul-rio-grandense. **Revista Semina**, Londrina/PR, v. 15, n. 1, 2016. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar_url?url=http://seer.upf.br/index.php/ph/article/download/6230/3745&hl=pt-BR&sa=X&scisig=AAGBfm2ODpM6klJZNnMY425WMAoET0fLA&nossl=1&oi=scholarart>. Acesso em: 07/09/2019.

SANTOS, Mariana Palmeira dos. **Geografia e Música**: uma possibilidade de leitura do cotidiano na escola. 2014. 58f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3440/1/PDF%20-%20Mariana%20Palmeira%20dos%20Santos.pdf>>. Acesso em: 27/07/2019.

SILVA, Elisabete de Fátima Farias. A geografia em “canto do povo de um lugar”. **Geosaberes**, Fortaleza/CE, v. 6, n. 1, p. 72-83, out. 2015. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/view/366/281>>. Acesso em: 27/08/2019.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. Geografia, Literatura e Música: O simbolismo geográfico na Arte. **Revista de Geografia da UFPE**, v. 30, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/view/667/480>>. Acesso em: 22/08/2019.

TAONI, Lucas Jurado; CUNHA, Fabiana Lopes da. Tom e Vinícius na Alvorada: um prisma geográfico. **Ateliê Geográfico**, Goiânia/GO, v. 7, n. 3, p. 208-239, dez./2013. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127031/ISSN1982-1956-2013-07-03-208-239.pdf?sequence=1&isAllowed=ya>>. Acesso em: 07/07/2019.

TORRES, Marcos Alberto. Da paisagem sonora à produção musical: contribuições geográficas para o estudo da paisagem. **Revista Geografar**, Curitiba/PR, v. 5, n. 1, p.46-60, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/17781/11609>>. Acesso em: 11/07/2019.